

REINVENTAR-SE: NARRATIVAS DIGITAIS DA DOCÊNCIA NA PANDEMIA COVID-19 EM 2020

REINVENTING YOURSELF: DIGITAL NARRATIVES OF TEACHING IN COVID-19'S PANDEMIC IN 2020

REINVENTÁNDOSE: NARRATIVAS DIGITALES DE LA DOCENCIA EN LA PANDEMIA COVID-19 EN 2020

Claudia Moraes de Souza¹
Cristiane de Fatima Barbosa²

Resumo: Este artigo propõe-se a analisar experiências docentes no processo de isolamento social causado pela pandemia do Covid-19, no ano de 2020. Acorados em construtos da história pública e digital, buscamos fazer uso de tecnologias digitais para produzir narrativas e memórias, documentar o cotidiano e histórias pessoais. As fontes documentais produzidas resultaram de narrativas individuais construídas de forma colaborativa em uma rede social no contexto do projeto de extensão “Reinventar-se: Narrativas Digitais da Docência em 2020” da Universidade Federal de São Paulo. O projeto foi responsável pelo desenvolvimento de uma plataforma (em rede social) online para registrar memórias, impressões e vivências da vida cotidiana docente, coletando relatos de experiências, imagens e outras produções digitais que versaram sobre mudanças, adaptações e dificuldades no trabalho domiciliar. Nossas análises revelam efeitos práticos na transformação da docência em relação à apropriação e uso de tecnologias da web 2.0 para o ensino, evidenciam efeitos emocionais do trabalho remoto sobre os/as professoras, demonstram os esforços pela busca de eficiência em ambientes de pouco ou nenhum suporte de escolas e instituições de ensino, expondo as desigualdades sociais, e, do ponto de vista dos processos de ensino/aprendizagem sugerem o desenvolvimento de habilidades docentes, o estímulo à criatividade e a ampliação de atitudes comunicacionais entre os/as professoras e seus alunos.

Palavras-chave: Ensino remoto; pandemia; história pública; história digital.

Abstract: This article aims to analyze teaching experiences in the process of social isolation caused by Covid-19's pandemic in 2020. Anchored in public and digital history constructs, we seek to make use of digital technologies to produce narratives and



memories, to document daily life and the personal stories. The documentary sources produced resulted from individual narratives built collaboratively in a social network in the context of the extension project “Reinventing Yourself: Digital Narratives of Teaching in 2020” at the Federal University of São Paulo. The project was responsible for the development of an online platform (in social network) to record memories, impressions and experiences of everyday teaching life, collecting reports of experiences, images and other digital productions that dealt with changes, adaptations and difficulties in home work. Our analyzes reveal practical effects on the transformation of teaching in relation to the appropriation and use of web 2.0 technologies for teaching, highlight emotional effects of remote work on teachers, demonstrate efforts to seek efficiency in environments with little or no support from schools and educational institutions, exposing social inequalities, and, from the point of view of teaching / learning processes, they suggest the development of teaching skills, the stimulation of creativity and the expansion of communication efforts between teachers and their students.

Keywords: Remote teaching; pandemic; public history; digital history.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar experiencias docentes en el proceso de aislamiento social provocado por la pandemia Covid-19, en el año 2020. Anclados en constructos de historia pública y digital, buscamos hacer uso de las tecnologías digitales para producir narrativas y memorias, documentar la vida cotidiana y las historias personales. Las fuentes documentales producidas resultaron de narrativas individuales construidas colaborativamente en una red social en el contexto del proyecto de extensión “Reinventándose: Narrativas Digitales de la Enseñanza en 2020” de la Universidad Federal de São Paulo. El proyecto se encargó de desarrollar una plataforma (en una red social) para registrar recuerdos, impresiones y vivencias del día a día docente, recopilando relatos de vivencias, imágenes y otras producciones digitales que abordaban cambios, adaptaciones y dificultades en el trabajo a domicilio. Nuestros análisis revelan efectos prácticos en la transformación de la enseñanza en relación a la apropiación y uso de las tecnologías web 2.0 para la enseñanza, resaltan los efectos emocionales del trabajo remoto en los docentes, demuestran esfuerzos para buscar la eficiencia en entornos con poco o ningún apoyo de las escuelas y centros educativos. instituciones, exponiendo las desigualdades sociales y, desde el punto de vista de los procesos de enseñanza/aprendizaje, sugieren el desarrollo de habilidades docentes, la estimulación de la creatividad y la ampliación de actitudes comunicacionales entre docentes y sus estudiantes.

Palabras Clave: Enseñanza a distancia; pandemia; historia pública; historia digital.



Reinventar-se: Narrativas digitais da docência na pandemia do Covid-19 em 2020³

No início de 2020, parecia, daqui debaixo da linha do Equador, que mais um ano se iniciava de forma corriqueira, pronto para ser experienciado por homens e mulheres comuns mergulhados em suas vidas cotidianas.

Concebendo o cotidiano, a partir do pensamento lefebvriano, a experiência ordinária do homem/ mulher comum é a dimensão central que intermedeia o mundo real e o mundo imaginado abarcando a complexidade da vida social. Nesta dimensão, simultaneamente composta pelas formas homogêneas e hegemônicas das estruturas sociais e pelas formas residuais da resistência e contra hegemonia, o homem/mulher comum experiência o mundo concreto, as práticas individuais e coletivas, o território físico e comunitário tecendo as tramas da vida social (Lefebvre, 1989).

No que tange a dimensão cotidiana compartilhada socialmente, o ano de 2020 modificou o que era habitual e seus mecanismos de repetição usual do dia a dia. A pandemia do Covid-19 transformou o mundo da produção e reprodução da existência social e tudo o mais que se interliga aos processos estruturantes do cotidiano em escala planetária.

Neste ano, o espaço social concreto se encolheu. No território, o espaço privado cresceu e se impôs em relação ao espaço público. Da predominância das ruas, praças, áreas abertas, grandes vias, grandes lojas, shopping centers, estradas e multidões, a maioria dos habitantes do planeta teve seus limites reduzidos ao domínio local de bairros, casas, varandas, janelas e quintais.

Neste contexto, escolas de todos os níveis de ensino, faculdades e universidades foram praticamente as primeiras instituições a serem fechadas. No cotidiano docente, os alunos e alunas migraram de um campo de visão próximo e direto, estabelecido dentro da sala de aula, para as telas digitais, no *tablet*, no celular ou no computador. Por vezes nem isso, desapareceram da visão ocular e do contato, em outros casos, estavam nas redes sociais, tão perto digitalmente, mas tão longe fisicamente.⁴

A proposta de um *home office*, trabalho remoto ou trabalho a partir do domicílio, para professores/as dos mais variados níveis de ensino apareceu rapidamente como a 'salvação da lavoura' após o fechamento das escolas e interrupção das atividades educacionais. Os termos educação à distância, educação remota, teletrabalho, passaram a povoar o vocabulário social nas instituições de ensino em geral e na comunidade escolar.

De fato, o isolamento social circunscreveu professores/as às suas casas (espaço doméstico), suprimindo o acesso às escolas e espaços educacionais, e distanciando professores, professoras, alunos e alunas. Os primeiros questionamentos da situação lançaram dúvidas, receios e longas projeções entre o tempo do isolamento

e distanciamento e os atributos escolares. Uma vez constatada a gravidade do fato, iniciaram-se os primeiros debates e proposições do ensino remoto e do ensino à distância.

Aos/às educadoras, apresentou-se o desafio: ensinar à distância, sem o face a face, sem o contato próximo, prejudicando a escuta e o entendimento da linguagem dos corpos e do movimento da vida no pulsar da sala de aula. A resposta imediata a esta questão veio da apropriação das tecnologias, da navegação em rede e do domínio de processos digitais.

Reinvenção, esta foi a palavra de ordem moldada nos discursos institucionais proponentes da abertura de espaço para novas linguagens e o uso das ferramentas tecnológicas com a finalidade de retomada do ofício da docência. Na Universidade e nas escolas, professores/as apegados ao discurso, aos processos de construção de narrativas, aos processos de construção da argumentação pela retórica, à elaboração da hipótese, à demonstração discursiva dos resultados.

Em sua forma primeira de construção coletiva de conhecimentos, viram-se diante de um grande desafio: Como fazer? Como praticar a docência fora do domínio da sala de aula física? Território comum da aprendizagem, o cotidiano da escola, uma vez interdito impunha nova necessidade: vencer distâncias e ensinar remotamente.

Diante deste contexto, na Universidade Federal de São Paulo, uma equipe de historiadoras se reuniu, entre elas uma docente da UNIFESP e quatro bacharéis/estudantes da pós-graduação, com a finalidade de refletir e compreender as questões do isolamento, o tempo presente e as incertezas do futuro. A equipe foi inspirada pela urgência das pausas reflexivas necessárias, tratadas na filosofia de Ailton Krenak, que em meio à adversidade do isolamento sugeriu a urgência de uma pausa para reflexão “vamos construir saídas criativas, façamos os nossos ‘paraquedas coloridos’” apregoou o pensador (Krenak, 2019, p. 31).

Assim, nosso processo de reflexão e debate buscou por pequenos paraquedas coloridos em meio a pandemia, e, este ato resultou na configuração do projeto de extensão “Reinventar-se: Narrativas Digitais na Docência em 2020” concebido com o propósito de documentar, registrar, organizar e efetivar a troca de experiências da docência no ano da pandemia do Covid-19.

Objetivou-se refletir acerca de experiências de ensino remoto em humanidades, no período do isolamento social/medidas de contenção que implicou no fechamento das escolas e universidades. Tal desafio foi alimentado pelos estudos sobre políticas de memória e as possibilidades de discussão a partir dela, o que demandou trabalho com testemunhos na pesquisa, permitindo compreender a experiência humana naquele contexto (Franco; Lvovich, 2022).

A história pública digital que em sua essência requer e mobiliza, dentre outras coisas, novos métodos e códigos profissionais do historiador contemporâneo, reinterpretados e atrelados às novas e diferentes tecnologias se apresentou como possibilidade em destaque na condução de nosso projeto de trabalho que envolveu a pesquisa e a extensão cultural (Noiret, 2015).

Proposta como uma forma possível de produção da história e de saberes históricos a partir das novas tecnologias de comunicação, a história pública digital, nos permitiu o uso das ferramentas básicas digitais, como o computador com acesso à internet, a câmera e o gravador, ativando recursos que o mundo digital oferece, como as redes sociais, os bancos de dados, aplicativos de produção do audiovisual, etc. que nos possibilitaram produzir, gerar, ativar, divulgar e compartilhar fontes e saberes históricos e pedagógicos construídos ao longo do projeto “Reinventar-se”.⁵

No âmbito do ensino de história e de humanidades e da produção do conhecimento histórico, já se pode identificar minimamente um impacto da história pública digital. Na área do ensino da história já se faz presente o debate acerca do digital e do uso das tecnologias em metodologias docentes e na produção de saberes escolares. Amplia-se o número de pesquisas e experiências de investigação acerca do uso das tecnologias de Informação e Comunicação – as chamadas TICs – relacionando metodologias do ensino da história, da história pública e da história digital.

O contexto pandêmico de 2020 tornou evidente a necessidade da incorporação e integração tecnológica no processo pedagógico tradicional, porém no debate da história digital e suas proposições para o ensino, tal questão se colocava já como problema a ser enfrentado pelo historiador, pelo professor de história e pela escola.

Deste desafio extraímos as prerrogativas de que uma aprendizagem significativa no mundo globalizado não deve se restringir ao tradicionalismo do uso do livro didático, e, sim, incorporar múltiplas fontes: o audiovisual, jogos digitais, aplicativos, uso de redes sociais, decorrendo que tal proposta pode ser incorporada como prática da sala de aula e estender-se a outros ambientes, através de mídias facilitadoras do processo de aprendizagem.⁶

Desta forma, no Brasil, por meio de diferentes ações, entre elas da Rede de História Pública, a história pública e digital passou a disputar espaços na formação do historiador, na pesquisa e no ensino de história, influenciados pela historiografia europeia e estadunidense, desde idos dos anos 1980, com avanços tecnológicos como o gravador portátil, a computação pessoal, nos anos 1990 e a web 2.0 nos anos 2000.

Para Santhiago (2016) a História Pública e História Pública Digital são um conjunto de práticas do historiador que envolve a interação entre o contexto social (o público) e o tecnológico (tecnologias) que irão atuar na produção da história, no ensino e na divulgação dos saberes históricos. Os exemplos dos sucessivos Simpósios Internacionais

de História Pública e da Rede Brasileira de História Pública são evidências da ampliação do campo de debate e atuação da história pública e digital como metodologias de pesquisa e produção de conhecimento histórico.

Na trajetória historiográfica da história pública e digital já temos conhecimentos acumulados sobre as relações entre o historiador profissional e a internet, que nos asseguram que, desde o surgimento da rede mundial de computadores, teriam os historiadores se apropriado das redes comunicacionais como meio de divulgação científica e como ferramenta de produção de conhecimentos históricos utilizando o banco de dados, repositórios digitais e redes sociais como objetos e/ou ferramentas de pesquisa (Gallini; Noiret, 2011).

Nesta perspectiva, podemos afirmar que a produção historiográfica já reflete o trabalho de apropriação de bancos de dados, de repositórios de revistas científicas via internet, de produção e acesso de documentos audiovisuais digitais postados em redes sociais, acervos iconográficos digitalizados, arquivos digitais em áudio, registros escritos digitalizados e a web 2.0 como parte do processo de pesquisa e produção do conhecimento histórico.

Acrescentaram-se às metodologias de pesquisa do historiador e suas preocupações teórico-metodológicas - centradas na análise documental, em fontes, na construção da hipótese de pesquisa, na produção narrativa e na comunicação científica - um conjunto de possibilidades ancoradas nas tecnologias, nas redes comunicacionais e nos meios digitais, diversificando as possibilidades das narrativas históricas.

Neste artigo, que reflete a prática de um projeto de extensão e pesquisa, articulamos o debate acerca das transformações e mudanças propostas pela história pública digital com as questões da atuação do professor de história e de humanidades em geral, no período do isolamento social da pandemia Covid-19 e o espraiamento das atividades escolares remotas, período este em que, toda a docência – da educação infantil à universidade, se viu desafiada ao exercício profissional que inclui, obrigatoriamente, o uso das novas tecnologias, alterando práticas escolares e fomentando transformações contemporâneas do ensino.

As reflexões sobre as metodologias de ensino e uso de linguagens, sobre conceitos fundamentais da construção dos saberes escolares nas humanidades, ou fora delas, foram acrescidas da apropriação das TICs e da web 2.0 como desafios do tempo presente que exigiu a reorganização da práxis escolar, assim como a incorporação das tecnologias, novas diretrizes na prática de ensino, pesquisa e divulgação do conhecimento escolar e/ou científico. Trata-se, segundo Maia (2021), de um momento que insere a memória como objeto central da cultura e da política na contemporaneidade das sociedades e de um momento em que assistimos inaugurações de novos “lugares de memória”, de novos monumentos, novos museus, centros culturais e filmes, todos em formatos

diferenciados e estruturados em novas tecnologias (Maia, 2021).

Afinadas com estas considerações, formaram-se questionamentos que conduzem esta pesquisa-ação: seria a pandemia do Covid-19 um processo de aceleração de assimilação das tecnologias e dos meios digitais nas escolas e instituições escolares dos mais diversos níveis e áreas? Quais as experiências vividas por docentes da disciplina história e nas humanidades em geral na reinvenção da docência em forma remota e em isolamento social? Dispostas a refletir sobre as questões e construtos apresentados nossa pesquisa-ação⁷ objetivou formar um repositório de narrativas digitais nas linguagens: visual, audiovisual, oral e escrita coletando experiências de trabalho no processo de isolamento social no ano de 2020; juntando informações acerca dos desafios da docência realizada de forma remota; investigando formas de produção de narrativas compartilhadas entre professores/as e seus alunos com o uso das novas tecnologias digitais e da web 2.0; e analisando relatos acerca das experiências compartilhadas por docentes colaboradores do projeto.

Uma dupla preocupação direcionou as ações do projeto de extensão “Reinventar-se: Narrativas Digitais da Docência em 2020 na pandemia do Covid-19”, as questões que envolveram os desafios docentes diante da realidade do isolamento e fechamento das escolas, somadas à preocupação em ativar o trabalho do historiador no tempo presente, fazendo da história digital pública a possibilidade de documentar em tempo real as dificuldades vivenciadas durante a Covid-19 na docência e no universo do ensino.

Defende-se a ideia de que os repositórios digitais em redes sociais têm o poder de registrar o cotidiano e fornecer dados da rotina, discursos, narrativas e memórias para a construção da história da pandemia, da história do tempo presente, contribuindo para a análise crítica do dia a dia, a análise das perspectivas sociais e culturais da sociedade contemporânea e suas novas questões.

Entre março e novembro do ano de 2020, o projeto de extensão funcionou sob a coordenação das pesquisadoras, todas historiadoras e uma cientista social, envolvendo professores das redes públicas e privadas de São Paulo e de outros estados, que participaram como colaboradores do repositório de narrativas digitais; como alunos do minicurso “História Digital, Memória e Narrativa: Práticas Docentes na Pandemia Covid-19” (em que narrativas digitais foram produzidas e compartilhadas); e, como colaboradores de uma pesquisa qualitativa composta de um formulário online, disparada em redes sociais diversas e respondida por 102 professores/as, em sua maioria mulheres, de cinco estados do Brasil, sendo eles GO, MG, PR, RS e SP.

A seguir apresentaremos as ações de construção, administração e coleta das narrativas digitais na plataforma da rede social escolhida para o compartilhamento das informações; analisaremos as narrativas e os aspectos significativos do trabalho

focando em questões que envolvem os novos espaços, as estratégias de ensino desenvolvidas com as novas tecnologias, dificuldades e as expectativas diante do ensino remoto.

Na sequência, apresentaremos e analisaremos resultados da pesquisa qualitativa aplicada com suporte de aplicativo online e difundida na rede social da plataforma que recebeu a colaboração de docentes, trazendo opiniões e depoimentos acerca da forma remota, de questões práticas do trabalho realizado a partir do domicílio, questões do estado emocional de professores/as e das dificuldades presentes nos processos desencadeados pelo uso das novas tecnologias de ensino.⁸

A plataforma digital e a construção colaborativa das narrativas

O Projeto se iniciou com a criação de uma plataforma (em rede social)⁹, online e colaborativa voltada a registrar memórias da vida cotidiana docente, coletando relatos de experiências e imagens durante o isolamento social e o trabalho à distância na pandemia do Covid-19 em 2020.

Ressaltamos o trabalho com imagens - inspirado na metodologia do *Photovoice*, como forma de realizar uma avaliação participativa do cotidiano de trabalho e das novas necessidades surgidas no contexto pandêmico. Diante da problemática do distanciamento social, o repositório permitiu refletir sobre o contexto geral dos docentes pelas suas próprias percepções. Como abordou Barbosa (2022), através da construção colaborativa das narrativas, potencializada pelas imagens, os participantes podem fornecer ao pesquisador “um mecanismo de ver e compreender de forma genuína o problema abordado. De modo que a experiência oportunizou ao grupo revelarem as suas preocupações e nos permitiu compreensão mais ampla do tema” (Barbosa, 2022, p. 489).

Na plataforma (ainda em atividade) foram/são depositadas imagens digitalizadas, fotografias digitais, vídeos, arquivos de áudio, textos escritos ou outros tipos de documentos, que relatam as experiências didáticas, os problemas práticos e comuns, os espaços de aprendizado, estudos, leituras, os impasses da vida doméstica em trabalho remoto, materiais didáticos, ou seja, todo registro pertinente ao desafio imposto aos indivíduos que atuaram/atuam na docência remota.

O intuito do grupo gerado na rede social foi o de integrar não apenas elementos imagéticos, como sonoros, visuais e audiovisuais produtos das tecnologias digitais (câmeras, celulares, gravadores de áudio) com a web 2.0 (rede social). Na interação (permitida pelas tecnologias digitais, rede social e internet) estimulamos e desenvolvemos uma dinâmica de troca de informações, imagens, memórias, aprendizagens, experiências didáticas, referências visuais que ao final compõem um

conjunto amplo de narrativas digitais.

Entendendo as narrativas digitais como o resultado das formas de expressão, texto, som e imagem, conduzida em meios e mídias digitais¹⁰, a plataforma em rede social articulou a produção de narrativas aos aparatos tecnológicos – câmeras fotográficas, computadores pessoais e dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets* – e aos hábitos cada vez mais recorrentes de compartilhamento de momentos vividos em sites das redes sociais.

As narrativas digitais produzidas neste contexto surgiram da disposição dos sujeitos envolvidos no processo (professores/as) que se dispuseram a uma prática colaborativa, consciente, em rede social, comunicando experiências individuais. Certa função de produzir memórias, arquivar imagens e impressões de momentos cotidianos estão fortemente presentes nestas redes sociais fomentando práticas de produção de arquivos (imagéticos e/ou sonoros e/ou escritos), desta forma, exploramos este fato no sentido de provocar registros voltados ao contexto do isolamento social e da nova forma de fazer dos docentes. Segundo Marino (2021, p. 575):

A proliferação de arquivos informais e o crescente interesse de instituições em coletá-los ou até de fazer uso de elementos “pouco formais” de coleta direta têm relação estreita com o processo de digitalização da vida cotidiana, especialmente no que se refere à propensão das plataformas de redes sociais como Instagram e Facebook na produção automatizada de coleções. É possível que muitas das iniciativas aqui destacadas não sigam adiante, enquanto outras, que não identificamos, possam emergir com sucesso. De todo modo, esses casos são válidos para que se retorne à hipótese de que os arquivos digitais não são somente imprescindíveis à escrita da história da Covid-19 como são eixos centrais para o questionamento dos critérios teóricos, metodológicos e políticos para a construção de uma história global da pandemia e das políticas de memória digitais no Brasil.

Nesta perspectiva as experiências de arquivamento da Covid-19 revelam sua importância para o registro e preservação de evidências do período. O autor citado sugere que o registro cotidiano, a colaboração via redes sociais, o acesso aos relatos de sujeitos históricos anônimos que voluntariamente cederam documentos às iniciativas de colaboração em plataformas tornaram-se sujeitos ativos no arquivamento da memória do período, e que, instituições de memória consolidadas, como universidade e arquivos, recorreram a essas estratégias,

por mais que as ferramentas de coleta e custódia apresentem um grau de informalidade e incerteza estranho às trajetórias arquivísticas mais formais. Fazendo com que a experiência de arquivamento da Covid-19 seja indício de uma transformação arquivística no século XXI, na qual o digital emerge como eixo central (Marino, 2021, p. 575).



O grupo “Reinventar-se: Narrativas Digitais Docentes na Pandemia Covid-19” foi criado em maio de 2020 na plataforma Facebook e até novembro de 2020, já contava com 271 membros, sendo todos profissionais na ativa, ou aposentados. No convite e descrição do grupo lê-se:

O ano de 2020 e a Pandemia do Covid-19 nos colocou um desafio. Radical desafio. Nos isolou em casa, nos retirou da escola e nos distanciou de nossos alunos. Choque! Dúvidas, receios, será possível ensinar? Ao longe, à distância, sem o face a face? Sem o contato próximo? Prejudicando a escuta e o entendimento da linguagem dos corpos e do movimento da vida no pulsar da sala de aula? Sim. Reinventam-nos! Pouco a pouco, tateamos no escuro, abrimos espaço para outras linguagens e tecnologias para voltarmos a caminhar no ofício da docência. Novos espaços, novas tecnologias, outras nem tão novas assim.¹¹

Dito isto a descrição apresenta o projeto de pesquisa e extensão e convida os membros à colaboração:

O projeto se inicia com a criação desta plataforma online colaborativa para registrar memórias da vida cotidiana docente durante a crise provocada pelo novo Coronavírus, coletando experiências e relatos sobre a vida docente na pandemia. Na plataforma podem ser depositados arquivos digitais na forma de imagens, fotografias, vídeos, arquivos de áudio, textos escritos que documentem as experiências didáticas, os espaços de aprendizado, estudo, leituras, os desafios da vida doméstica em trabalho remoto, materiais didáticos, ou seja, todo registro pertinente do desafio cotidiano imposto aos indivíduos que atuam na docência nos tempos da pandemia 2020¹².

A partir daí foram mais de duas centenas de colaborações de fotografias digitais, vídeos caseiros, textos escritos no formato de depoimentos, videoaulas e materiais didáticos compartilhados entre os membros do grupo atendendo às temáticas sugeridas pelas administradoras, qual sejam: novo espaço de labor nas casas, desafios da vida cotidiana e o trabalho remoto, novos materiais didáticos, as tecnologias usadas nas atividades educacionais remotas, desafios e dificuldades da docência remota, sendo o período de maio, junho, julho e agosto de 2020 os meses de maior interação do grupo.

Realizou-se no projeto de extensão um minicurso online, com a participação de 45 docentes e uma pesquisa qualitativa que será tratada mais ao final deste artigo. Apresentado em Congresso Científico da área de antropologia visual na Universidade Federal do Pará¹³ o projeto de extensão ganhou visibilidade e recebemos o convite para participação em exposição virtual do Museu da Pessoa, exposição esta denominada Diário da Pandemia: Um dia de Cada Vez, que dentre outros abrigou depoimentos



dos docentes colaboradores do projeto Reinventar-se exibindo as fotografias narradas (*Photovoice*) produzidas na rede social. A exposição ficou em cartaz no primeiro semestre de 2021 e a coordenadora do projeto “Reinventar-se” se responsabilizou pela curadoria do material produzido¹⁴.

O fato ratifica argumentos deste artigo como o do crescimento de arquivos informais e o crescente interesse de instituições em coletá-los - relacionando-se com o crescente processo de digitalização da vida cotidiana. Ratificamos ainda a iniciativa das instituições de memória e de história em desenvolver de forma mais sofisticada as práticas de coletas e formação de coleções de memória diante de acontecimentos disruptivos. Segundo Marino, (2021. p. 93) desde o início dos anos 2000 experiências de criação de arquivos de memória sobre fenômenos de alto impacto disruptivos - como por exemplo a “*criação do September 11th Digital Archive*” - levou pesquisadores a atuarem na captura de memórias gestadas “ao vivo” relacionadas a eventos de alto impactos.

Da mesma forma, a Covid19 fomentou no Brasil ações como a do Museu da Pessoa - responsável pela exposição Diários da Pandemia - aqui exposta. Dentre outras, apresentadas por Marino (2021) como os casos do o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul que documentou a experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul através de plataformas e redes sociais; o Arquivo Geral do Município do Rio de Janeiro, que documentou através de formulário Google disponível a usuários, o compartilhamento de arquivos diversos sobre experiências na pandemia.

Nesse sentido, afirmamos a articulação de pesquisadores, mundo digital e instituições públicas ou privadas em processos bem sucedidos do registro de memórias relativas a eventos presentes.

Narrativas digitais docentes: as imagens, vídeos e relatos de experiência em rede social

Relações entre a memória e a fotografia compõem amplo debate teórico e conceitual que não nos cabe aqui apresentar. Neste instante de nossas reflexões queremos relacionar a memória e a fotografia a partir da ideia de que: como ato consciente, a fotografia produz uma representação social de um tempo/momento sendo, logo após sua revelação, um ato de memória. A imagem fotográfica, segundo Dubois (1993), trata-se de uma imagem-ato, produto de técnica, ao mesmo tempo em que é uma ação, um fazer, um saber-fazer, responsável por uma representação social – representação de si, representação do outro, representação de um tempo/espço (Dubois, 1993, p. 15).

No click fotográfico da câmera digital, o indivíduo produz algo duradouro e massivo,



a captura de um instante de tempo que pode ser reproduzido infinitamente em pixels resultando em imagens que quando divulgadas em rede social pode atingir milhões de indivíduos por um instante, por anos, por décadas, se alargando no tempo e no espaço social. Assim as redes sociais são grandes veículos do ato fotográfico e ao longo do tempo serão responsáveis pela produção de memórias coletivas compartilhadas massivamente.

No grupo “Reinventar-se” o compartilhamento de fotografias digitais como narrativas da realidade da pandemia foi provocado conscientemente pelas organizadoras, deixando claro a cada participante que, como ato fotográfico toda e qualquer imagem compartilhada seria uma representação momentânea da condição do isolamento e, ao mesmo tempo, em uma escala temporal alargada, a produção de uma memória coletiva. Foram compartilhadas no grupo mais de uma centena de imagens digitais representativas destes momentos.

Com o tema de abertura “novo espaço de trabalho” os colaboradores foram desafiados a produzir imagens de seu novo espaço de trabalho – trabalho remoto – e o resultado foi o compartilhamento de múltiplas imagens de espaços diversos em casas e apartamentos adaptados, readaptados e às vezes improvisados para o exercício da função. Os diferentes computadores, *laptops* e até celulares, reorganizados em escritórios, quartos, salas, cozinhas tornaram-se o centro da reprodução do trabalho.

As imagens representam muito bem a criatividade docente em adaptar espaços; a diversidade de condições; as preocupações com eficiência e garantia das condições mínimas para a comunicação entre docentes e discentes; tudo totalmente construído e organizado pelos indivíduos e suas habilidades criativas e inventivas. O exercício motivou os docentes e os convidou a refletir sobre seu novo espaço escolar e como estava sendo a organização das atividades em ambiente privado, o que motivou a produção de outro grupo de imagens aliadas ao espaço de trabalho: as relativas à vida doméstica.

As primeiras ações no grupo em rede social decorreram da prática metodológica do *photovoice*, uma metodologia específica de pesquisa participativa em que os colaboradores e participantes de pesquisa capturam as suas realidades cotidianas por meio da fotografia e produzem narrativas escritas (ou faladas) sobre a imagem e suas impressões pessoais (Souza, 2022, p.188).

O termo *Photovoice* contempla a ideia central do método - explicitar pela voz (narrativa oral ou narrativa escrita) os elementos da narrativa imagética, propagando a voz da experiência individual para os experimentos coletivos. Na pesquisa qualitativa e na extensão cultural se configura como ferramenta de estudo das realidades locais e de empoderamento social (Wang; Burris, 1997). No caso do projeto “Reinventar-se” colaborou para o acesso à perspectiva dos participantes do grupo (Barbosa, 2022).



Nas redes sociais as fotografias estimulam o olhar sobre a realidade subjetiva, ativando pensamentos, representações e memórias. Como método dirigido em um processo educativo e reflexivo assume possibilidades de expandir a consciência sobre o tempo presente estimulando sensibilidades e reflexões. Deste modo, disparamos temas relativos ao 'novo normal' da pandemia e obtivemos relatos sensíveis a este novo normal, produzidos pelos docentes em sua nova experiência.

Figura 1

São Paulo, Jd. Arpoardor, 18/05/2020, 22h08.

Essa é a hora que a criança já dormiu e que posso finalmente me debruçar a estudar e "produzir". Mas meu corpo já não aguenta mais, afinal minha jornada se iniciou as 6 horas da manhã. Meu corpo já não aguenta mais ficar sentado em frente ao computador, na mesma cadeira desconfortável, embora meu dia tenha se intercalado entre videochamadas, relatórios, almoço, aula para o meu filho, arrumar o chuveiro que quebrou, limpar o chão que a gata sujou, mais vídeo chamadas, leituras para formações de professores, pausa para banho e janta da criança...ufa, onde estava mesmo???? kkkkk Ah, se a Pandemia alterou a produtividade da minha vida acadêmica??? Provavelmente sim, mas nem sei, porque nesse momento acho que todo mundo está mais preocupado mesmo é de manter as condições mínimas de sobrevivência, e uma sanidade mental. O plano do mestrado 2020 foi pro ralo... E a foto, é a cara do cansaço!

Roberta Smith, coordenadora pedagógica da escola pública.



“Vida doméstica e espaço de trabalho”, o segundo tema proposto, foi representado pelos colaboradores tendo como foco o cuidado com os filhos, a participação destes nos horários de aula, os afazeres da casa, a convivência com os animais de estimação no espaço de trabalho. As narrativas mais constantes representaram as maneiras como a escola invadiu o domicílio e vice-versa. De forma marcante os afazeres e funções da escola acometeram a casa do/a professor/a e de seus alunos, estando as famílias (dos docentes e dos alunos) envolvidas neste processo.

Muitas contradições e dificuldades se explicitaram nestas narrativas, desde os impasses em cuidar dos filhos em idade escolar, atendê-los e ao mesmo tempo ministrar aulas e preparar atividades didáticas, até o sentimento de ausência do espaço escolar gerando nostalgia da dinâmica da escola e da presença física das crianças/jovens/alunos/alunas como motivadora do processo de ensino-aprendizagem. Imagens da escola vazia (postada por gestores escolares) revelaram a consciência entre docentes da importância e efetividade do espaço escolar, das interações e do processo presencial educacional como motivador e catalisador da aprendizagem.

Nas fotografias onde filhos e mães ou pais professores/as interagem fez-se representar a falta que o espaço escolar gerou nas crianças/jovens. Numa fotografia icônica compartilhada por uma gestora escolar da cidade de São Paulo (colaboradora do projeto de extensão) narrou-se a história de crianças de um bairro periférico da cidade que desenvolveram a prática de “escalar os muros da escola”, e brincar nas áreas livres dos tanques de areia próprios da educação infantil. Um conjunto de ausências sentidas pelas crianças estimulou a tomada do espaço da escola para a brincadeira, quase como uma tentativa de recriação do espaço e de compensação do isolamento, pelo fato de a escola se encontrar fechada e interdita ao uso.

Figura 2

“ Frequentemente, mesmo com a pandemia, um ou outro grupinho de crianças do City Jaraguá pulam os muros e escalam as grades da escola fechada para brincar nos espaços externos, desta vez o local escolhido foi a escada da entrada principal. Confesso que as vozes infantis e os risos trazem um certo conforto, mas, temos que explicar que elas não podem ficar. No entanto, não temos coragem de desfazer as marcas que elas deixam... usando coquinhas, areia e utensílios velhos elas nos lembram das interações na educação infantil e nos enchem de saudade dos corre-corre, da inventividade, da simplicidade que as deixavam tão felizes.”
Narrativas Docentes da Pandemia
CEI City Jaraguá IV - maio, 2020.



Entre os profissionais a memória visual se aliou à narrativa escrita resultando em fotografias diversas de materiais didáticos em confecção, de lousas improvisadas nas paredes das casas, interação entre trabalhos domésticos e aula online, gravação de videoaulas e *podcasts* produzidos em casa com poucos equipamentos e ferramentas digitais. Imagens esparsas registrando momentos de reflexão e leituras, fotografias de processos de construção de atividades escolares e culturais, ou seja, todo o universo cotidiano da pandemia ativou narrativas digitais que foram compartilhadas no grupo.

Figura 3



Cristiane Reinoldes, gestora escolar da rede pública de ensino.

"Reinventar-se! Entendo a escola como espaço de mudança contínua, mas a alma deste lugar pulsante são os alunos. Sem eles grande parte do sentido deste espaço se perde.

Quarentena! Nas escolas de São Paulo a equipe de apoio e gestores estão obrigados a cumprir plantão (por alguma razão somos considerados blindados ao vírus). O vazio da escola dimensiona nossas incertezas...

Estamos nos adaptando...administrando dificuldades ...com certeza nunca mais seremos os mesmos!!!

Jaraguá - São Paulo 06/05/2020.



O estímulo ao relato escrito acompanhando a narrativa visual produziu no grupo um rico acervo de memórias e representações do vivido no isolamento social. Através delas, em um exercício regressivo, visualizamos uma trajetória comum docente no período inicial e impactante do isolamento. As memórias relatam feriados fora de época, lousas nas paredes, cozinhas que se transformam em salas de aula, reflexões, cansaço, dúvidas, medos e inventividade acima de tudo.

Figura 4

" 10ª semana de aulas on-line... Correção de atividades em vídeo, fotos, arquivos e docs... 2 notebooks e 1 celular = ferramentas de trabalho ativas e operantes simultaneamente."

Adriana Paris, professora da rede privada de ensino.

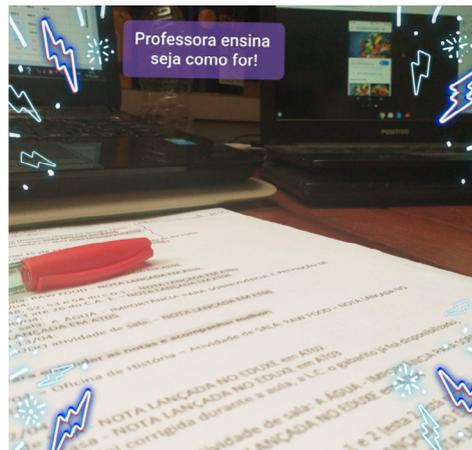


Figura 5





|| Cristiane Reinoldes, gestora escolar da rede pública de ensino.

“Reinventar-se! Entendo a escola como espaço de mudança contínua, mas a alma deste lugar pulsante são os alunos. Sem eles grande parte do sentido deste espaço se perde.

Quarentena! Nas escolas de São Paulo a equipe de apoio e gestores estão obrigados a cumprirmos plantão (por alguma razão somos considerados blindados ao vírus). O vazio da escola dimensiona nossas incertezas...

Estamos nos adaptando...administrando dificuldades ...com certeza nunca mais seremos os mesmos!!!!

Jaraguá - São Paulo 06/05/2020.



O trabalho remoto: representações, discursos e desafios cotidianos

Expandindo as ações do Projeto de Extensão, a equipe elaborou o questionário (utilizando a ferramenta Formulário Google) produzido no escopo dos objetivos iniciais que almejaram documentar a realidade da vida comum, as novas rotinas docentes e os impactos do trabalho remoto. O formulário foi amplamente divulgado na rede social utilizada e em grupos docentes do aplicativo Whatsapp. Foi aplicado, tanto para os colaboradores do grupo “Reinventar-se” quanto para outros docentes atingidos pela divulgação na rede social.

De tonalidade qualitativa o formulário mesclou perguntas e respostas objetivas com o incentivo à narrativa escrita visando documentar impressões e vivências da prática educativa exercida através das aulas remotas, impacto e reflexos na vida pessoal, estímulos, desestímulos e dificuldades profissionais no momento de quarentena imposto como medida preventiva ao Covid-19.

A narrativa presente nos relatos enuncia “as experiências que sujeitos de um processo, de um lugar social, de um território, de um campo cultural, narram o seu tempo/espaço, o seu passado, o seu presente, um acontecimento ou a própria vida” (Nunes, 2018, p. 243). Alguns elementos se destacaram em praticamente todas as falas: questões relacionadas a problemas com a apropriação das tecnologias digitais, conexão e acesso à internet; dificuldades no uso didático de tecnologias digitais; reorganização das rotinas em relação a acúmulo/sobrecarga dos afazeres domésticos e o *home office*, responsável pela fusão entre horários de atividades pedagógicas e pessoais.

Um indício muito comum nas falas refere-se à falta de controle em relação às horas trabalhadas:

Está sendo muito difícil a separação dos horários, pois gestores e pais te veem





online, te chamam e exigem um retorno. Não gostei de ter que disponibilizar o meu número de celular [...] A quantidade de horas trabalhadas muitas vezes é maior que a presencial, pelo tempo de planejamento e preparação das aulas, além das lives e relatórios (entrevistado pelo Formulário Google, 2020).

A estrutura física, como equipamentos, mídias, pacote de dados de internet e local adequado para o exercício das aulas e atividades remotas permeou muitas narrativas e, apesar das adversidades e reconhecidas as dificuldades, podemos dizer que a situação estava sendo enfrentada por todos e todas de modo desafiador. É importante pontuar que a maioria dos docentes teve que usar recursos próprios e prover sua estrutura física para este trabalho, sem apoio das instituições onde lecionam:

São tantos imprevistos, quando todos entram na sala virtual o computador desliga a internet cai os vizinhos começam a ouvir música ocorre queda de energia, enfim horrível [...] tive necessidade de melhorar a minha internet, com incremento nos gastos mensais e cogitei inclusive trocar de computador (Entrevistada pelo Formulário Google, 2020).

A falta de participação dos estudantes também foi relatada como elemento negativo e desestimulante. Em muitas respostas sobre dificuldades do trabalho remoto, a não participação do aluno surge como tema principal. Constata-se que muitos não têm acesso à internet para acompanhar as aulas à distância e dos que têm conexão de internet, nem todos se mostram estimulados, dificultando a interação:

As crianças não acessam os encontros agendados mesmo sendo em horários previamente conversados com os pais, até mesmo quem tem acesso à internet [...]. Saber que 30% dos alunos não estão participando e que estão com graves problemas econômicos, familiares e com sua dignidade humana em risco me aflige (Entrevistado pelo Formulário Google, 2020).

A adesão em resposta dos alunos é muito baixa mesmo quando conversamos com eles sobre a importância e a necessidade de tentar manter uma rotina de estudos diante do que estamos vivendo, alguns não possuem internet (Entrevistada pelo Formulário Google, 2020).

As dificuldades em relação à execução dessa nova modalidade se evidenciam no discurso de muitos que não se viam preparados para o uso de ferramentas digitais e aulas remotas:

Existem coisas na tecnologia que não consigo desenvolver que preciso de ajuda de colegas e que me deixa estressada [...] as experiências negativas foram relacionadas ao uso de tecnologias novas para mim, o que tem causado ansiedade quando alguma coisa não dá certo e não sei resolver



(Entrevistada pelo Formulário Google, 2020).

Alguns elementos, como sobrecarga e cobranças permanentes, relacionados às novas formas e ferramentas de trabalho foram identificados, como o impacto negativo na vida profissional e pessoal, afetando substancialmente o fator emocional e causando o crescimento de sentimentos de angústias e ansiedades, conforme relato dos/as professoras:

Excesso de trabalho e cobrança por resultados são os fatores mais negativos do trabalho remoto [...] Assédio moral, cobrança e uma falsa ideia de que não precisamos dar o máximo de nós [...] as ações deles (gestores) mostram o contrário, na escola particular em que trabalho, três professores já pediram demissão: um por depressão, outro porque se cansou do assédio e outro porque estava impactando na sua vida pessoal (Entrevistado pelo Formulário Google, 2020).

No âmbito familiar, minha experiência negativa no trabalho remoto é por conta de ter filho de cinco anos, que demanda bastante atenção e entra em disputa com o tempo de trabalho. Isto tem gerado necessidade de trabalhar na madrugada, com efeitos negativos sobre o meu rendimento (Entrevistada pelo Formulário Google, 2020).

Na contramão dos elementos citados como negativos, o uso de TIC's como ferramentas para lecionarem; a aprendizagem de novos recursos como plataformas digitais; e a produção de conteúdo para as aulas remotas, geralmente são apontados como aspectos positivos:

Participação dos alunos e flexibilidade para novas tecnologias, facilidade de contato sem necessidade de deslocamento [...] Aprender a produzir conteúdo remoto sem nenhum contato presencial com meus alunos foi positivo [...] aprimorei o conhecimento tecnológico que já possuía (Entrevistado pelo Formulário Google, 2020).

Assim, na construção da história do tempo presente, preconizando a experiência de Tucídides que em sua narrativa privilegiou a testemunha ocular e a oralidade ouvindo os relatos das guerras do Peloponeso (Dosse, 2012) averiguamos, através dos relatos de experiência dos docentes colaboradores, as dificuldades e o descontentamento diante do trabalho remoto imposto pela quarentena devido à pandemia Covid-19.

Consideramos que a grande maioria dos espaços escolares não estavam devidamente equipados para oferecer recursos tecnológicos (como ferramenta para usar em sala de aula) e tampouco capacitação para lidar com os novos desafios frente a estes instrumentos de aprendizagem. Desta forma, de um dia para outro, esses

profissionais da educação se viram ajustando suas aulas para dentro de suas casas, utilizando recursos próprios e ferramentas digitais, sem experiência e sem muito apoio das unidades escolares onde atuam. Alterando completamente sua rotina profissional e pessoal.

Toda essa mudança trouxe uma série de problemas tanto para os/as professoras que se sentem exauridas, sofrendo de ansiedade e com cargas extensas de trabalho, quanto para os alunos que nem sempre possuem os recursos necessários para participarem de aulas remotas (internet, computador ou celular). E mesmo aqueles que dispõem de acesso a estes recursos, muitas vezes não participam das aulas e não realizam as atividades, gerando uma sobrecarga ainda maior para os/as professoras que são cobradas em relação à produtividade dos alunos.

Mesmo identificando aspectos negativos em maior volume nas respostas, percebemos que os participantes também apontaram o ganho de conhecimento ao utilizarem recursos digitais e a produção de conteúdo para esse formato de aula, agregando novas habilidades na forma de mediar o conhecimento.

No que diz respeito às possibilidades da análise quantitativa (também presente no formulário) as respostas foram dadas praticamente apenas por professores/as em atividade docente neste período pandêmico, sendo 74% mulheres – o gênero mais representativo da categoria. E principalmente residentes no estado de São Paulo.

A maioria (83%) declarou que está realizando trabalho remoto durante a pandemia, sendo que 82% não possuía experiência anterior ministrando aulas à distância.

Sobre as facilidades ou dificuldades em lidar com as tecnologias digitais, o questionário permitiu inferir que quase a metade das entrevistadas (48%) admitiu uma facilidade mediana e uma parcela considerável (23%) está enfrentando a nova forma de trabalho com facilidade. No entanto, não podemos desconsiderar que muitas encontraram dificuldade ou muita dificuldade totalizando 17% das respostas.

Como dito anteriormente, os números mostram que a maioria (59%) tem realizado este trabalho com recursos próprios já que a instituição em que lecionam não lhes forneceu equipamentos, ferramentas e conexão de internet necessária para que fizessem seu trabalho de forma adequada. Apenas 15% das entrevistadas declararam terem recebido de alguma forma, apoio das instituições. E uma pequena parte dos/as entrevistados/as (20%) disse que a instituição forneceu equipamentos e recursos para o desenvolvimento do trabalho à distância.

Considerando que a facilidade em lidar com os recursos tecnológicos para este novo momento da educação não é um consenso, é importante saber se foi ofertada alguma formação para uso de tecnologias digitais em *home office*. Neste quesito, as diferentes formas de construir habilidades para enfrentar o novo desafio ficaram equilibradas



entre os participantes. Sendo assim, a pesquisa apontou uma boa parte (36%) buscando este conhecimento autonomamente, através de tutoriais online e outras formas. Outra parte considerável (28%) diz que não está participando de nenhum tipo de formação. Um percentual representativo (23%) declara estar recebendo formação pela Secretaria de Educação ou formação oferecida pela própria escola (24%). A minoria (11%) participou ou encontra-se participando de formação através de outras modalidades ou outras instituições.

Neste trabalho remoto, a maioria (78%) passou a utilizar ferramentas novas que antes não eram vistas como necessárias em aulas, tais como os serviços de comunicação por vídeo Zoom e Google Meet, a plataforma *Microsoft Teams* e o serviço Google Sala de Aula. Ainda assim, não podemos dizer que esses tipos de recursos tecnológicos são absolutamente novos no fazer educativo, já que uma pequena parte (16%) declarou que utilizava algo do tipo em suas aulas.

Se a maioria sentiu que trabalhar de modo remoto não é tão simples, pois envolveu uma facilidade mediana, é de se esperar que dediquem às aulas online mais tempo que o habitual, pois a adequação exige além de pesquisa e formação, um tempo para aprender a operar tais recursos. Assim, quase todas (95%) reconheceram que o tempo dedicado ao trabalho aumentou durante a pandemia.

Todas as entrevistadas concordaram que a ampliação do número de horas trabalhadas ocorreu devido à preparação de aula, estudo das tecnologias, construção de material didático, atendimento ao aluno, entre outras tarefas correlatas. O que já era previsto, uma vez que o questionário foi respondido em sua maioria por mulheres, que acumularam a tarefa docente com a de casa ficando responsáveis por atividades cotidianas e cuidados de filhos e/ou familiares acumulando tarefas domésticas e laborais. Neste sentido, quase a metade (48%) se sentiu imersa nesta situação, boa parte (24%) se sentiu parcialmente imersa nesta situação e apenas uma minoria parece não ter sofrido (10%), ou não ter sofrido muito (9%), com isso.

Consideramos que não apenas as estratégias de trabalho mudaram, como a residência virou o próprio lugar de trabalho - assim como para trabalhadores de variadas áreas e para os próprios estudantes (nos casos em que conseguiram acesso às aulas remotas) que tiveram ambientes de sua casa transformados em escola. Quanto à dificuldade em compatibilizar horários e usos de equipamentos e a necessidade de dividir o espaço doméstico com filhos e/ou cônjuges, familiares e colegas, boa parte (38%) respondeu que sim, estava com dificuldades nesta compatibilização, mas, outra parte considerável (28%) pareceu apresentar dificuldade mediana neste compartilhamento de tempo, recursos e espaços. Uma parcela significativa (entre 20 e 28%) parece não ter enfrentado, ao menos não de forma aguda, esta questão.

Diante dos novos desafios de aprendizagem das ferramentas tecnológicas, do

aumento das horas trabalhadas, do acúmulo de tarefas profissionais e domésticas e obviamente da tensão que a própria pandemia implica, foi constatado que quase metade dos/as trabalhadores/as (46%) se sentiu totalmente exposta a um maior cansaço e/ou enfrentou algum distúrbio emocional/mental (ansiedade, depressão) ou tiveram processo de adoecimento durante este período. Outra parte considerável (entre 12 e 25%) se viu, ao menos parcialmente, nesta situação.

Mesmo com o aumento das horas trabalhadas, a percepção de aproveitamento dos estudos pelos alunos neste contexto da pandemia do Covid-19 não é algo muito transparente para as docentes: metade acredita que este aproveitamento não aconteceu (49,5%), uma pequena parte (23%) sabe que os alunos tiveram aproveitamento positivo, porém, maior que a parcela que reconhece o aproveitamento como positivo é a parcela que tem dúvidas, por isso se posicionou de forma neutra (46%).

Além da questão de saúde, outros problemas se apresentaram e podemos elencá-los da seguinte forma:

- Pouco estímulo: apenas 1/3 (33%) se sente totalmente estimulado para o uso de novas tecnologias de ensino e comunicação no processo educativo após as experiências em ensino remoto. Quase a metade (48%) se sente apenas parcialmente estimulada.

- Acesso precário à internet: cerca de 1/3 (38%) informou que a própria conexão de internet e seus aparelhos eletrônicos pessoais (ou de seus familiares) foram os únicos utilizados e foram suficientes e adequados ao trabalho. E quase a mesma quantidade (34%) considerou que os recursos próprios foram parcialmente suficientes. Sendo que uma pequena, porém representativa parcela (22%) viu seus próprios recursos como mais próximos de insuficiente.

- Perda salarial: a maioria (66%) declarou que não teve perda salarial com descontos e/ou retirada de benefícios durante a suspensão das aulas presenciais na pandemia, mas a quantidade de profissionais que tiveram esta perda foi grande (33%).

- Falta de aproveitamento dos alunos: a maioria (49,5%) acha que este fator foi negativo e que apesar dos esforços, razões múltiplas impediram o aproveitamento pelos discentes.

Tendo em vista os dados colhidos podemos concluir que para as docentes os resultados desse período turbulento - onde se fez necessário o uso de novas tecnologias para exercer suas funções trabalhistas, para as quais a maioria não foi devidamente preparada e treinada - ainda se encontram nebulosos quanto à eficácia dos métodos utilizados em relação ao desenvolvimento educacional dos alunos.

Percebe-se que as mulheres são mais afetadas negativamente, por conta das desigualdades que a estrutura patriarcal de nossa sociedade impõe. Elas acabam acumulando mais funções e as jornadas de trabalho, que antes já eram duplas

ou triplas, foram transformadas em uma super jornada. Ou seja, vemos a tarefa educacional convertida em uma amálgama mal diagramada onde não é possível ter a divisão necessária para o cumprimento de suas atividades de forma eficaz e que muitas vezes gera problemas emocionais graves, como a depressão e a ansiedade, o que neste período de pandemia já é uma realidade por si só (Barros, 2020).

Em especial, inferimos que se faz necessário e com urgência, estudos teóricos voltados para esse tipo de ensino à distância em períodos de crise, e que esses estudos sejam de fato produzidos em parceria com professores/as almejando a construção de ferramentas didático-pedagógicas para que o ato de lecionar de forma remota ganhe efetividade, almejando o beneficiamento dos alunos e uma educação de qualidade e acessível, bem como proporcionando uma realidade onde as docentes tenham apoio para poderem trabalhar sem que isso lhes custe o direito à individualidade e à saúde.

Por considerações finais a este artigo queremos demarcar que, sobretudo, o desenvolvimento do projeto de extensão “Reinventar-se” atingiu múltiplos objetivos. Como uma experiência em História Pública e Digital construiu uma interação entre as proponentes do projeto e seus colaboradores, baseada no compartilhamento de experiências práticas e saberes, ativando o uso das mídias e tecnologias informacionais e formas inovadoras de produção de narrativas, registros documentais e divulgação de experiências sociais no momento da pandemia do Covid-19.

Parte dos objetivos do projeto destacou a intencionalidade de aproximação e de troca de experiências entre a universidade e os docentes do ensino básico, materializando não apenas os objetivos da extensão universitária, mas também da história pública compromissada com a pluralidade e diversidade de vozes, experiências, saberes, reflexões e inclusive técnicas e ferramentas próprias da História. Evidenciando o seu compromisso epistemológico sobre o tempo presente, o uso do passado, a produção da memória, a produção e veiculação de narrativas, a divulgação da história e suas apropriações em âmbito midiático e cultural (Frazão, 2016).

As repercussões entre os/as professores/as colaboradores/as e professoras/tutoras atuantes no projeto apontam para positividade alcançadas no âmbito da maior interação e comunicação entre universidade e escola, a troca de conhecimentos, a reformulação de práticas demonstrando o espaço estratégico (tanto da História Pública e Digital quanto da Extensão Universitária) na promoção de atividades acadêmicas integradoras entre as humanidades. Tratando do tema da inovação, mesmo diante do difícil momento da Pandemia, a novidade que se apresentou, em particular na docência, reflete a intersecção de saberes e práticas pedagógicas no campo das tecnologias comunicacionais e na visibilidade que a experiência do trabalho remoto atribuiu ao conhecimento histórico e ao uso das tecnologias nas humanidades. Entendemos que tais experiências devem ser cada vez mais promovidas, buscando ocupar as lacunas de tal discussão acadêmica no ensino e na produção da história pública.

Referências

BARBOSA, Cristiane de Fátima. Imigração e Pandemia: haitianos em São Paulo, *photovoice* e formas de alcançar o outro. In: BUSTAMANTE, Márcio; NOGUEIRA NETO, Hugo (org.). *Diversidade em Ação*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2022. p. 485-502.

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, p. 1-12, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400018>.

DIÁRIOS da Pandemia: um dia por vez. São Paulo: Museu da pessoa, 2021. Disponível em: <https://museudapessoa.org/exposicoes/diarios-da-pandemia-um-dia-por-vez-wp/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5 - 22, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>. Acesso em: 19 fev. 2021

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papyrus, 1993.

FRANCO, Marina; LVOVICH, Abraham Daniel. História reciente: apuntes sobre un campo de investigación en expansión. In: MULLER, Angelica; IEGELSKI, Francine (org.). *História do tempo presente: mutações e reflexões*. Rio de Janeiro: FGV, 2022.

FRAZÃO, Samira Moratti. História pública no Brasil: espaço de apropriações e disputas. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 374 - 379. set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=338149856015>. Acesso em: 6 dez. 2023.

GALLINI, Stefania; NOIRET, Serje. La historia digital en la era del Web 2.0. Introducción al dossier Historia digital. *Historia Crítica*, Angeles, v. 1, n. 43, p. 16-37, 2011. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/hiscrit/article/view/4227>. Acesso em: 6 dez. 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

LAMBERT, Joe. *Digital storytelling: capturing lives, creating community*. 4th ed. New York: Routledge, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203102329>. Acesso em: 6 dez. 2023.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana e o mundo moderno*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

MAIA, Andrea Casa Nova. Arquivando a Pandemia: Projetos de historiador e “dever de memória”. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 1-9, set./dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/41291>. Acesso em: 6 dez. 2023.

MARINO, Ian Kisil; SILVEIRA, Pedro Telles de; NICODEMO, Thiago Lima. Arquivo, memória e Big Data: Uma proposta a partir da Covid-19. *Cadernos do Tempo Presente*, Aracaju, v. 11, n. 1, p. 90–103, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/14139>. Acesso em: 6 dez. 2023.

NOIRET, Serge. História pública digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>. Acesso em: 6 dez. 2023.

NUNES, Sandra Regina Chaves. História fotografada, história (com)partilhada: imagens e vozes de Cotia. *Visualidades*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 239-256, jul - dez/2018. DOI: 10.5216/vis.v16i2.56389. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/56389>. Acesso em: 6 dez. 2023.

PEREIRA, Daniel Carvalho. *Espaços públicos, saberes públicos: um podcast como espaço de ensino de história*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/642426>. Acesso em: 15 fev. 2021

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-35.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 64.879 de 20 de março de 2020. Reconhece o estado de calamidade pública, decorrente da pandemia do COVID-19, que atinge o Estado de São Paulo, e dá providências correlatas. São Paulo: Secretaria de Governo, 2020.

SOUZA, Claudia Moraes de. *Reinventar-se: narrativas digitais na docência em 2020*. Osasco, 6 maio 2020a. Facebook: Reinventar-se: narrativas digitais na docência em 2020a. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/933517050813500>. Acesso em:

SOUZA, Claudia Moraes de. *Reinventar-se: narrativas digitais docentes na Pandemia Covid-19*. In: ENCONTRO DE ANTROPOLOGIA VISUAL DA AMÉRICA AMAZÔNICA, 4., 2020b, Belém. Anais [...]. Belém: UFPA, 2020b.

SOUZA, Claudia Moraes de. O Photovoice: uma metodologia de estudo da realidade como estratégia para trabalhar com projetos. In: VIESBA, Eveton; ROSALEN, Marilena.

Metodologias ativas: aprendizagem baseada em projetos. Diadema: V & V Editora, 2022. p. 182 – 197.

WANG, Caroline; BURRIS, Mary Ann. Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education and Behavior*, Thousand Oaks, v. 24, n. 3, p. 369–387, June 1997. DOI: <https://doi.org/10.1177/109019819702400309>.

Notas

¹Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professora do Programa de Pós-graduação “Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades” da FFLCH(USP).

²Mestra em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Professora na rede municipal de educação de São Paulo.

³Como todo trabalho coletivo é construído à múltiplas mãos, este artigo teve colaborações importantes em sua autoria. Assim consideramos coautoras deste trabalho as historiadoras graduadas e especialistas Edna Claudia Oliveira, Danielle Reis Queiroga e Shirley Lucas Camargo, monitoras do projeto de extensão “Reinventar-se: Narrativas Digitais na Docência em 2020” da Universidade Federal de São Paulo. Agradecemos a elas a parceria neste trabalho.

⁴Conforme Decreto nº 64.879, de 20/03/2020, que reconhece o estado de calamidade pública, decorrente da pandemia do Covid-19, que atinge o estado de São Paulo. Em especial a necessidade de reduzir a circulação e aglomeração de pessoas a fim de mitigar as chances de transmissão do vírus, incentivando o isolamento social para a contenção e evitar a propagação da doença (São Paulo, 2020).

⁵Registramos sinceros agradecimentos a todos os docentes que participaram do grupo “Reinventar-se: Narrativas Digitais Docentes na Pandemia Covid-19” compartilhando fontes no repositório e explicitando suas histórias de vida e suas experiências cotidianas no difícil momento da pandemia no Brasil.

⁶Amplia-se na história e no debate do ensino da história a discussão das possibilidades de trabalho com/sobre tecnologias digitais. O uso de plataformas e ferramentas digitais, o *podcast*, as redes sociais, aplicativos e jogos têm inspirado práticas pedagógicas e produção de saberes sobre a história e o ensino da história. A tecnologia é pensada como parte dos processos educativos. Cito aqui o projeto de Pereira, Daniel Carvalho: Espaços públicos, saberes públicos: um podcast como espaço de ensino de história (Pereira, 2016). Nele debate-se a tecnologia do podcast como recurso pedagógico em suas relações com a epistemologia histórica.

⁷“Reinventar-se: Narrativas Digitais na Docência em 2020” é o nome do projeto de extensão cultural, desenvolvido na EPPEN/UNIFESP, que se iniciou com a criação de uma plataforma (em rede social) online e colaborativa para registrar memórias da vida cotidiana docente e discente durante a crise provocada pelo novo Coronavírus, coletando experiências e relatos sobre mudanças e adaptações no trabalho escolar durante o isolamento social. Na plataforma foram depositadas imagens digitalizadas, fotografias digitais, videoaulas, arquivos de áudio, textos escritos ou outros tipos de documentos, que expressem as experiências didáticas, os desafios da prática, os espaços de aprendizado, estudo, leituras, as contrariedades da vida doméstica em trabalho remoto, materiais didáticos, ou seja, todo registro pertinente da novidade imposta

aos indivíduos que atuam na docência nos tempos da pandemia. A partir da rede social e do grupo colaborativo, num segundo estágio do projeto desenvolvemos um minicurso online, com o objetivo de debater as experiências didáticas e pedagógicas do ensino online apontando para a construção de projetos. Em uma terceira etapa, o projeto aplicou um questionário qualitativo, que investigou questões da educação à distância no isolamento social, cujos resultados analíticos serão apresentados neste artigo.

⁸Importante ressaltar que todas as imagens e transcrições de falas que serão apresentadas a seguir tiveram o seu uso devidamente concedido às pesquisadoras. Cada participante foi convidado/a a integrar o grupo de Facebook “Reinventar-se: Narrativas Digitais Docentes na Pandemia Covid-19”, a participar do minicurso “História Digital, Memória e Narrativa: Práticas Docentes na Pandemia Covid-19” e a responder a pesquisa qualitativa sobre o tema via Formulário Google. Assim, compartilharam espontaneamente narrativas sobre a temática reinventar-se no trabalho docente durante a pandemia do Covid-19, contemplando elementos pessoais (dificuldades diante desse novo contexto na conciliação entre trabalho, afazeres domésticos, organização e convivência dos espaços particulares; meios que desenvolveu visando superar essas dificuldades; ganhos e prejuízos; etc.) e elementos profissionais (ações pedagógicas, administrativas e tecnológicas implementadas pela unidade escolar, ou não, em relação ao novo contexto). Os formatos das narrativas poderiam ser textuais, imagéticos ou audiovisuais. Foram entregues por meio digital, já editadas e acompanhadas do termo de autorização de uso, cedendo os direitos para fins de pesquisa e estudos.

⁹Na linha da história digital, nosso intuito foi o de criar uma interface com a Web 2.0 para o desenvolvimento do projeto. Incorporado pelos historiadores, o conceito de web 2.0 (conceito criado por Tim O’Reilly, em 2003) propõe a internet como possibilidade de uma plataforma mundial que estimule a colaboração, interação e o aproveitamento da inteligência coletiva em torno de processos interativos (como por exemplo as redes sociais Facebook, instagram, etc.), neste sentido optamos por utilizar uma grande rede social (Facebook) criando um grupo público para o desenvolvimento de um ambiente onde cada usuário tem a oportunidade de adicionar informações livremente (o grupo Reinventar-se: Narrativas Digitais Docentes), sendo esta, a base de coleta das narrativas digitais estimuladas nas ações do projeto de pesquisa e extensão em exposto.

¹⁰A narrativa digital é um conceito de longa data. A fotografia foi precursora nesta prática narrativa, e uma referência na área foi Joe Lambert desde meados dos anos 1980. No livro *Digital Storytelling: capturing lives, creating community*, o autor, que é cofundador do Center for Digital Storytelling, de Berkeley, Califórnia, nos Estados Unidos, propõe o desenvolvimento amplo da arte de contar histórias, estimulando a combinação da escrita com mídias digitais, sendo as histórias o resultado de cenas da vida, momentos, experiências, prontas para serem capturadas em imagem, som, narrativas digitais (Lambert, 2012).

¹¹A página (Souza, 2020a).

¹²Projeto de Extensão e Pesquisa. Reinventar-se: Narrativas Digitais na Docência em 2020. Unifesp/Proec.2020.

¹³O IV Encontro Internacional de Antropologia Visual da América Amazônica aconteceu entre os dias 17 e 20 de novembro de 2020, de modo totalmente online. Nele ocorreu o Simpósio “Humanidades Digitais: Cultura, memória e narrativas” e foi apresentada a pesquisa “Reinventar-se: narrativas digitais docentes na Pandemia Covid-19” (Souza, 2020b).

¹⁴O Museu da Pessoa é um museu virtual, digital e colaborativo, aberto a toda e qualquer pessoa que queira registrar e compartilhar sua história de vida. Em 2021 produziu a exposição **Diários da**

Pandemia: um dia por vez, uma exposição virtual que apresenta relatos cotidianos da pandemia da qual participamos com relatos docentes. Em (Docentes [...], 2021).

